

Língua Portuguesa e Literatura

Aluno

Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada - 01

1ª Série | 1º Bimestre

Disciplina	Curso	Bimestre	Série
Língua Portuguesa	Ensino Médio	1º	1ª
Habilidades Associadas			
1. Diferenciar texto literário de não literário			
2. Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.			
3. Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem.			
4. Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.			

Apresentação

A Secretaria de Estado de Educação elaborou o presente material com o intuito de estimular o envolvimento do estudante com situações concretas e contextualizadas de pesquisa, aprendizagem colaborativa e construções coletivas entre os próprios estudantes e respectivos tutores – docentes preparados para incentivar o desenvolvimento da autonomia do alunado.

A proposta de desenvolver atividades pedagógicas de aprendizagem autorregulada é mais uma estratégia pedagógica para contribuir para a formação de cidadãos do século XXI, capazes de explorar suas competências cognitivas e não cognitivas. Assim, estimula-se a busca do conhecimento de forma autônoma, por meio dos diversos recursos bibliográficos e tecnológicos, de modo a encontrar soluções para desafios da contemporaneidade, na vida pessoal e profissional.

Estas atividades pedagógicas autorreguladas propiciam aos alunos o desenvolvimento das habilidades e competências nucleares previstas no currículo mínimo, por meio de atividades roteirizadas. Nesse contexto, o tutor será visto enquanto um mediador, um auxiliar. A aprendizagem é efetivada na medida em que cada aluno autorregula sua aprendizagem.

Destarte, as atividades pedagógicas pautadas no princípio da autorregulação objetivam, também, equipar os alunos, ajudá-los a desenvolver o seu conjunto de ferramentas mentais, ajudando-o a tomar consciência dos processos e procedimentos de aprendizagem que ele pode colocar em prática.

Ao desenvolver as suas capacidades de auto-observação e autoanálise, ele passa a ter maior domínio daquilo que faz. Desse modo, partindo do que o aluno já domina, será possível contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades originais e, assim, dominar plenamente todas as ferramentas da autorregulação.

Por meio desse processo de aprendizagem pautada no princípio da autorregulação, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para o aprender-a-aprender, o aprender-a-conhecer, o aprender-a-fazer, o aprender-a-conviver e o aprender-a-ser.

A elaboração destas atividades foi conduzida pela Diretoria de Articulação Curricular, da Superintendência Pedagógica desta SEEDUC, em conjunto com uma equipe de professores da rede estadual. Este documento encontra-se disponível em nosso site www.conexaoprofessor.rj.gov.br, a fim de que os professores de nossa rede também possam utilizá-lo como contribuição e complementação às suas aulas.

Estamos à disposição através do e-mail curriculominimo@educacao.rj.gov.br para quaisquer esclarecimentos necessários e críticas construtivas que contribuam com a elaboração deste material.

Caro(a) aluno(a),

Neste caderno, você encontrará atividades diretamente relacionadas a algumas habilidades e competências do 1º Bimestre do Currículo Mínimo de Língua Portuguesa da 1ª Série do Ensino Médio. Estas atividades correspondem aos estudos durante o período de um mês.

A nossa proposta é que você, Aluno(a), desenvolva estas Atividades de forma autônoma, com o suporte pedagógico eventual de um professor, que mediará as trocas de conhecimentos, reflexões, dúvidas e questionamentos que venham a surgir no percurso. Esta é uma ótima oportunidade para você desenvolver a disciplina e independência indispensáveis ao sucesso na vida pessoal e profissional no mundo do conhecimento do século XXI.

Neste Caderno de Atividades, vamos estudar os gêneros **Literatura de Informação, textos Jesuítico, Relato de Viagem** e Crônica. Vamos aprender também a diferenciar o **Texto Literário** do **Não Literário**, a identificar o **sentido conotativo e denotativo** da linguagem e a reconhecer as **funções da linguagem**.

Este documento apresenta 12 (doze) Aulas. As aulas podem ser compostas por uma **explicação-base**, para que você seja capaz de compreender as principais ideias e atividades relacionadas às principais habilidades e competências do bimestre em questão. Leia o texto e, em seguida, resolva as Atividades propostas. As Atividades são referentes a três tempos de aula. Para reforçar a aprendizagem, propõe-se, ainda, uma **pesquisa** e uma **avaliação** sobre o assunto.

Um abraço e bom trabalho!

Equipe de Elaboração

Sumário

✚ Introdução	3
✚ Aula 1: A carta de Achamento do Brasil	5
✚ Aula 2: Denotação e conotação.....	8
✚ Aula 3: Elementos da comunicação.....	12
✚ Aula 4: Tratado da terra do Brasil.....	14
✚ Aula 5: As Funções da Linguagem	18
✚ Aula 6: Relato de Viagem	20
✚ Aula 7: Textos Jesuíticos	23
✚ Aula 8: Texto Literário ou Não Literário, eis a questão?	27
✚ Aula 9: Comparando visões sobre o índio	31
✚ Aula 10: “Navegar é preciso...”	34
✚ Avaliação.....	37
✚ Pesquisa	40
✚ Referências	44

Aula 1: A carta de Achamento do Brasil

Caro(a) aluno(a),

Nesta atividade conheceremos um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha, para D. Manuel, o rei de Portugal na época do descobrimento do Brasil. Esse texto representa o primeiro registro da existência das terras que iriam ser o nosso país. Pelo relato, podemos perceber o fascínio e o estranhamento dos navegantes, e, principalmente, quais eram as suas perspectivas e intenções ao aportarem por aqui.



A grande importância desse texto, também, se deve à descrição da paisagem exuberante e dos grupos sociais que nela habitavam. A partir dele, portanto, é possível discutir em que medida os encantos da terra e de seu povo ainda fundamentam a imagem difundida de nosso país.

Considerando essas informações, vamos ler a passagem a seguir:

CARTA DE ACHAMENTO DO BRASIL (Pero Vaz de Caminha)

Senhor,

Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. [...]

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo. E digo quê:

[...] seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! [...]

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro [...]. A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. [...]

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. [...] Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! [...]

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências [...]

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela [na nova terra], ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos.

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. [...]

Beijo as mãos de Vossa Alteza

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

Fonte: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>

Agora que já conhecemos um pouco da Carta de Pero Vaz de Caminha, vamos testar nossos conhecimentos!

Atividade 1

1. Descrever é expor detalhadamente as características de um lugar, de um ser ou de um objeto. Sabendo disto, retire do texto passagens nas quais o escrivão do rei descreve os habitantes do “novo mundo”.

2. Pela descrição feita por Caminha, qual seria a visão do colonizador em relação aos povos indígenas?

3. Observe a seguinte passagem da Carta:

Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! [...]

Nesse trecho, Caminha destaca e interpreta os acenos feitos pelos índios, relacionando-os à possível existência de metais ouro ou pedras preciosas. O que esse destaque revela sobre as intenções do homem europeu com a descoberta de novas terras?

4. Leia a seguinte passagem:

“para os portugueses o ouro é que tinha valor, enquanto para os indígenas uma conta de colar ou um guizo eram mais importantes; para os portugueses, os índios eram vistos como mão-de-obra a ser explorada ou almas a serem cristianizadas; já para os indígenas, os lusitanos eram homens diferentes com quem queriam trocar objetos.”
(RONCARI, 2002, p.29)

Considerando a leitura da Carta de Achamento do Brasil e a passagem do texto do pesquisador Luiz Roncari, responda:

Em sua opinião, o que, provavelmente, o índio estava tentando dizer aos viajantes?

Aula 2: Denotação e conotação

Caro(a) aluno(a),

Agora que já estudamos um pouco da *Carta de Achamento do Brasil*, podemos analisar algumas características da linguagem empregada por Pero Vaz de Caminha. O primeiro ponto que vamos estudar será o conceito de conotação e de denotação.

Sabemos que uma mesma palavra pode expressar diferentes sentidos, que são determinados por fatores como o contexto e a intenção de quem fala ou escreve.

Quando uma palavra é utilizada com significação **objetiva**, limitando-se aos sentidos apresentados no dicionário, dizemos que foi empregada de forma literal ou com sentido denotativo.

Quando a palavra é empregada com significação **subjativa**, expressando outros sentidos por associações ou comparações, dizemos que foi empregada **em sentido figurado ou conotativo**.

Agora que já sabemos o que é conotação e denotação, vamos exercitar!

Atividade 2

1. Relacione os ditos populares às imagens¹:

¹ Fonte: <http://papelinteiroidesatinos.wordpress.com/2011/04/05/pisando-em-ovos/>

Fonte: <http://tempestadideias.wordpress.com/2012/02/15/engolir-sapos/>

Fonte: <http://mulherdechuteiras.wordpress.com/2012/01/18/imperador-sem-imperio-e-sem-futebol/>

- a) Pendurar as chuteiras;
- b) Engolir sapos;
- c) Pisando em ovos



()



()



()

2. Podemos afirmar que as imagens retratam os ditados em linguagem denotativa ou conotativa? Explique.

3. Podemos perceber que as imagens não veiculam o sentido que esses ditos têm na nossa fala cotidiana. Qual seria o significado que, geralmente, atribuímos a cada uma dessas expressões?

4. Leia a tirinha a seguir e responda:



Fonte: <http://www.ocponline.com.br/blog/caricato/post/668-descobrimto-do-brasil.html>

O humor da tirinha se pauta na possibilidade de uma mesma palavra assumir mais de um significado.

a) Na tirinha acima, qual palavra possui essa característica?

b) Que sentidos são atribuídos a ela?

5. Agora observe estes fragmentos retirados da Carta de Caminha:

“Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa **semente** e **frutos**, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”

“Contudo, o melhor **fruto** que dela [da nova terra] se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal **semente** que Vossa Alteza em ela deve lançar.”

Neles, é possível perceber que as palavras destacadas não possuem o mesmo significado nos dois contextos. Então responda:

a) Indique os possíveis significados das palavras “semente” e “fruto” em cada uma das passagens destacadas do texto.

b) Considerando a resposta anterior, explique: Em qual trecho as palavras destacadas foram empregadas em sentido figurado, conotativo? E em qual foram utilizados com sentido denotativo?

Aula 3: Elementos da comunicação

Caro(a) aluno(a),

Nesta atividade, estudaremos os elementos que estruturam a comunicação humana. Em um ato comunicativo, podemos destacar seis elementos:

- **Mensagem** é aquilo que se fala ou escreve;
- **Emissor** ou **remetente** é aquele que fala ou escreve;
- **Receptor** ou **destinatário** é aquele para quem se fala ou escreve;
- **Canal** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida;
- **Código** é o conjunto de signos utilizado para elaborar a mensagem, no caso das comunicações verbais, é a própria língua;
- **Referente** ou **contexto** é o assunto sobre que se fala ou escreve.



Fonte: <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/elementos-da-comunicacao.html>

Chegou a hora de colocar em prática o que você estudou sobre os elementos da comunicação!

Atividade 3

1. Leia a tira a seguir e responda:



Fonte: <http://www.ocponline.com.br/blog/caricato/post/668-descobrimto-do-brasil.html>

a) Qual é o código empregado na fala do índio?

b) Qual é o contexto ou referente da mensagem veiculada na tirinha?

2. Considerando que a *Carta de Achamento do Brasil* é um texto, no qual o escrivão Pero Vaz de Caminha apresenta as terras e os habitantes do Movo Mundo ao, então rei de Portugal, D. Manuel I, complete o quadro, a seguir, indicando os elementos e conceitos que faltam:

Elementos	Carta de caminha
	A descrição de como era o Brasil e como viviam os índios na época da chegada dos portugueses.
Emissor	
	Rei D. Manuel
Canal	
	A língua portuguesa.
Referente	

3. Observe, a seguir, o trecho da Carta:

Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. [...]

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela [na nova terra], ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos.

Segundo a passagem, podemos perceber que o escrivão do rei não conseguiu descobrir se existiam ou não metais preciosos nas terras da colônia, porque eles e os índios não falavam o mesmo idioma.

Considerando as informações responda:

a) Somente os gestos foram suficientes para que a os colonizadores e os indígenas se comunicassem plenamente?

b) Qual dos seis elementos da comunicação está relacionado a essa dificuldade de entendimento entre portugueses e índios?

Aula 4: Tratado da terra do Brasil

Caro(a) aluno(a),



Nesta aula, veremos que, assim como Pero Vaz de Caminha, muitos foram os viajante e aventureiros que registraram suas peripécias pelo Novo Mundo. Pero de Magalhães Gandavo foi um cronista português que permaneceu na Bahia. Nesse período, Gandavo escreveu várias obras sobre o Brasil.

O fragmento, a seguir, pertence ao Tratado da Terra do Brasil. A importância desse texto provém da observação e do registro que o cronista faz da língua e da cultura indígena, pois evidenciam a visão fantasiosa e depreciativa do europeu em relação aos povos nativos, muito comum naquela época.

DA CONDIÇÃO E COSTUMES DOS INDIOS DA TERRA

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode por o sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitânicas, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se levantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e matarão muitos deles, outros fugirão pela o Sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitânicas. Junto delas ficarão alguns índios destes nas aldeãs que são de paz, e amigos dos portugueses.

A língua deste gentio toda pela Costa é, uma: carece de três letras — convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quase são compridas feitas a maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente duma

parte e doutra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto pela se servirem.

Não adoram cousa alguma nem têm pela si que há na outra vida glória pelos bons, e pena pela os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas perecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

Fonte: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/379.pdf>

Agora, vamos aprofundar um pouco mais a nossa leitura sobre o texto *Tratado da Terra do Brasil*, de Pero de Magalhães Gandavo.

Atividade 4

1. A descrição feita por Gandavo revela um grande estranhamento do autor em relação aos povos nativos e aos seus costumes. Retire do texto passagens em que o cronista aponta comportamentos ou ações dos índios que seriam contrárias ao seu modelo de civilização.

2. Ao descrever a língua Tupi, Gandavo, relaciona a ausência de três letras – F, L e R – no alfabeto indígena a uma limitação sociocultural. Para o autor, como o idioma refletiria essa desorganização social dos índios, na visão do europeu?

3. Além de várias passagens descritivas, podemos perceber que Gandavo narra um dado episódio para comentar a ausência de nativos ao longo das capitâneas. Observe:

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitâneas, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se levantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e matarão muitos deles, outros fugirão pela o Sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitâneas. Junto delas ficarão alguns índios destes nas aldeãs que são de paz, e amigos dos portugueses.

- a) Segundo o autor o que ocorreu com os índios que ali habitavam?

- b) Quem o autor culpou pelo incidente?

- c) Você concorda com o autor? Explique.

Aula 5: As Funções da Linguagem

Caro(a) aluno(a),

Nesta aula, veremos que a linguagem não tem apenas a função de transmitir informações. Sempre que nos comunicamos, temos uma determinada intenção ou objetivo, como demonstrar sentimentos, manter contato, emocionar, convencer, etc. E, em cada um desses objetivos, um elemento da comunicação é enfatizado.

Observe:

- Função **emotiva** ou **expressiva**: enfatiza o **emissor**, que costuma revelar seus sentimentos, estado de espírito e opiniões. Exemplos: poemas, cartas, diários pessoais etc.
- Função **apelativa** ou **conativa**: enfatiza o **receptor**, para influenciá-lo ou convencê-lo. Exemplos: discurso político ou publicitário.
- Função **referencial** ou **denotativa**: enfatiza o contexto. A informação é transmitida de forma objetiva, clara e impessoal. Exemplos: textos jornalísticos, teses, artigos científicos.
- Função **metalinguística**: enfatiza o **código** com o objetivo de falar sobre a própria linguagem. Exemplos: gramáticas, dicionários, um poema que fala sobre o fazer poético.
- Função **fática**: enfatiza o **canal**, com o objetivo de confirmar a eficácia da comunicação. Exemplos: “alô”, “entende?”, “ok” etc.
- Função **poética**: enfatiza a **mensagem**, explorando certos efeitos estéticos e sonoros das palavras. Exemplos: poesia, provérbios, músicas, trava-línguas, trocadilhos etc.



Atenção: A mesma fala ou texto pode conter mais de uma função da linguagem.

Agora que conhecemos as funções da linguagem, vamos exercitar nossos conhecimentos!

Atividade 5

1. Com base nos seus conhecimentos sobre as funções da linguagem, complete a tabela a seguir:

ÊNFASE NO	DETERMINA	A FUNÇÃO
Emissor	→	
	→	Poética
Referente	→	
Receptor	→	Apelativa
Canal	→	
	→	Metalinguística

2. O objetivo dos relatos que compõem grande parte do *Tratado da Terra do Brasil* era descrever de forma clara e direta os acontecimentos, as paisagens e os habitantes do Novo Mundo. Sendo assim:

a) Qual elemento da comunicação recebeu maior destaque no fragmento do Tratado de Gandavo?

b) Que função da linguagem predomina, então, no texto?

3. Observe o trecho e responda:

A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras — convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei;

a) Qual elemento da comunicação está sendo enfatizado na passagem acima?

b) Qual é a função da linguagem predomina?

Aula 6: Relato de Viagem

Caro(a) aluno(a),

Nesta aula, você vai aprender um pouco mais sobre o gênero de texto relato de viagem. Relatar é uma experiência comunicativa de mão dupla: relatando um fato, somos capazes de compreendê-lo melhor e possibilitamos que outras pessoas tenham acesso a uma experiência vivida por nós e a entendam.

Essa é uma prática muito comum, pois em todas as vezes que você conta um fato já ocorrido, organizando as ações e os eventos por meio de algum critério previamente definido, está produzindo um relato.

Esses relatos podem ser desde anotações pessoais sobre o que foi visto em uma viagem, coisas escritas em um diário ou em um blog, até um livro. Hoje em dia, por exemplo, há muitos sites com dicas pessoais de lugares visitados, onde as pessoas divulgam suas experiências na forma de relatos.

Atividade 6

O texto que você vai agora é um fragmento do livro *Comer, rezar, amar*, escrito por Elizabeth Gilbert. Nesta obra, ela relata as experiências vividas ao longo de um ano de viagem, em que percorreu três diferentes países, cada um apresentando costumes e tradições muito distintos: a Itália, a Índia e a Indonésia (a ilha de Bali). O trecho reproduzido, a seguir, corresponde a um momento da viagem de Gilbert pela Itália.

Texto I

Comer, rezar, amar

Capítulo 31

Durante as seis semanas seguintes, visito Bolonha, Florença, Veneza, a Sicília, a Sardenha, desço de outra vez até Nápoles e depois vou à Calábria. Em sua maioria, são viagens curtas – uma semana aqui, um fim de semana acolá-, a quantidade de tempo exata para sentir o clima de um lugar, olhar em volta, perguntar às pessoas na rua onde se come a melhor comida, e em seguida comê-la. Desisto do meu curso de italiano, já que tenho a sensação de ele estava interferindo em meus esforços para aprender italiano, uma vez que me obrigava a ficar confinada na sala de aula em vez de passear pela Itália, onde posso treinar com pessoas de verdade.

Essas semanas de viagens espontâneas representam uma fase gloriosa, alguns dos dias mais soltas da minha vida, correndo até a estação de trem para comprar passagens aqui e ali, finalmente começando a aproveitar para valer minha liberdade porque finalmente percebi que posso ir aonde eu quiser. Passo algum tempo sem encontrar meus amigos romanos. Giovanni me diz ao telefone: “Sei uma trottola” (“Você parece um pião”). Certa noite, em uma cidade em algum lugar do Mediterrâneo, em um quarto de hotel junto ao mar, o som da minha própria risada chega a me acordar no meio de um sono profundo. Fico espantada. Quem é essa

pessoa rindo na minha cama? Quando percebo que sou eu mesma, isso me faz rir de novo. Não consigo mais me lembrar do que estava sonhando. Acho que talvez tivesse alguma coisa a ver com barcos.

(GILBERT, Elizabeth. Comer, rezar, amar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008 p. 104-5)

1. No início do texto há a seguinte afirmação:

“Em sua maioria, são viagens curtas – uma semana aqui, um fim de semana acolá –, quantidade de tempo exata para sentir o lugar”.

Em sua opinião, o que significa, nesse contexto, “sentir o clima do lugar”?
Explique.

2. Você deve ter observado que as formas verbais usadas no texto, são sempre referentes a primeira pessoa (eu). Sua tarefa é transcrever algumas dessas formas verbais, indicando em que tempo (presente, pretérito e futuro) está a maior parte delas.

3. Pensando na resposta que você deu à questão anterior, explique que sentido esse tempo verbal produz no texto, levando em conta o contexto em que foi usado.

4. Agora é com você! Pense em alguma viagem ou um passeio marcante que você tenha feito. Faça um breve relato contando um pouquinho da sua experiência.

Aula 7: Textos Jesuíticos

Caro(a) aluno(a),

Você já ouviu falar em textos jesuíticos? E em Padre José de Anchieta? Nossa segunda aula será sobre eles.

Você já deve ter observado que as crônicas dos viajantes do século XV e XVI e os documentos informativos não possuem um caráter propriamente literário. Eram textos essencialmente informativos e se caracterizavam como uma espécie de crônica histórica. Por isso, a obra desse padre diferencia-se do conjunto dos textos escritos do século XVI. Além de cartas e relatórios de valor documental e histórico, o jesuíta Anchieta, também escreveu poesia e textos de teatro com a finalidade de converter os índios à religião católica. A dramatização das cenas bíblicas e de passagem da vida dos santos era feita, muitas vezes, em tupi para garantir que os ensinamentos religiosos e morais fossem compreendidos pelos nativos.

Atividade 7

O texto que você vai abaixo é um “auto”, composições teatrais de linguagem simples, em sua maioria, tinham elementos cômicos e intenção moralizadora. Suas

personagens simbolizavam as virtudes, os pecados, ou representavam anjos, demônios e santos.

Texto I

SEGUNDO ATO

No trecho a seguir, extraído do auto de José de Anchieta, São Lourenço e São Sebastião enfrentam os demônios que desejam corromper uma aldeia indígena.

(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)

São Lourenço fala a Guaixará:

[...]

(São Lourenço fala a Guaixará:)

SÃO LOURENÇO

Quem és tu?

Pois se as coisas são da gente,
ama-se sinceramente.

GUAIXARÁ

Sou Guaixará embriagado,
sou boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu alado,
sou demônio matador.

[...]

SÃO SEBASTIÃO

Quem foi que insensatamente,
um dia ou presentemente?
os índios vos entregou?

Se o próprio Deus tão potente
deste povo em santo ofício
corpo e alma modelou!

SÃO LOURENÇO

Dizei-me o que quereis desta
minha terra em que nos vemos.

GUAIXARÁ

Amando os índios queremos
que obediência nos prestem
por tanto que lhes fazemos.

GUAIXARÁ

Deus? Talvez remotamente
pois é nada edificante
a vida que resultou.
São pecadores perfeitos,
repelem o amor de Deus,

e orgulham-se dos defeitos.

AIMBIRÊ

Bebem cuim a seu jeito,
como completos sandeus
ao cauim rendem seu preito.

Esse cauim é que tolhe
sua graça espiritual.

Perdidos no bacanal
seus espíritos se encolhem
em nosso laço fatal.

SÃO LOURENÇO

Não se esforçam por orar
na luta do dia a dia.
Isto é fraqueza, de certo.

ANCHIETA, José de. Auto representado na festa de São Lourenço.

Disponível em:

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/autofestasaolourenco.pdf

Acesso em: 18 jul.2013 (Fragmento).

Vocabulário de apoio

Boicininga: termo originário da língua tupi usado para designar a cobra cascavel.

Andirá-guaçu: termo usado para designar grandes morcegos encontrados nas Américas do Sul e Central.

Cuim: bebida preparada com uma espécie de farelo de arroz fermentado.

Sandeus: loucos, tolos.

Cauim: bebida indígena preparada com mandioca cozida e fermentada.

Preito: veneração, homenagem.

Bacanal: festa em que reina a devassidão; orgia.

O texto acima faz parte do acervo de textos religiosos, escritos pelos missionários jesuítas que aqui chegaram em 1549 e aqui permaneceram até 1605, com o objetivo de converter os índios brasileiros. Esse tipo de texto ficou conhecido como literatura de catequese.

1. Como você já sabe, todo texto apresenta uma finalidade. Observando a organização e o uso das palavras no texto, é possível dizer que a função da linguagem

predominante é:

a) Referencial, pois o objetivo da mensagem é a transmissão de informações.

b) Poética, pois está centrada na mensagem, revelando recursos imaginativos criados pelo emissor, é uma linguagem figurada.

c) Metalinguística, pois utiliza a linguagem para falar dela própria.

d) Emotiva, pois revela as emoções do emissor.

2. Com base no que você respondeu acima é possível definir o texto proposto como literário ou não literário? Justifique.

3. Guaixará é o rei dos demônios que desejam corromper a aldeia com pecados. Logo na primeira estrofe, ele se autodefine como “boicininga” (cascavel), “jaguar” (pantera) e “andirá-guaçu” (morcego). Sabendo que o texto poético faz uso da linguagem conotativa, figurada, quais significados estão implícitos no uso dessas palavras?

4. Originalmente esse auto foi escrito em três línguas: tupi, português e espanhol. Os versos em tupi são associados ao demônio. Você deve ter observado que os diabos têm nomes indígenas. Considerando essa informação, explique de que maneira a escolha da língua falada pelos demônios e dos nomes dessas personagens reafirmam, de diferentes formas, a superioridade cultural e espiritual dos colonizadores.

Aula 8: Texto Literário ou Não Literário, eis a questão?

Caro(a) aluno(a),

Você já pensou o que faz um texto ser literário e outro não? Embora a literatura se manifeste fundamentalmente por meio da palavra escrita, nem tudo que é escrito pode ser considerado como literatura, no sentido estético, ou seja, que desperta emoções, chama atenção pela beleza.

O texto literário é formado por palavras polivalentes, plurissignificativas, ou seja, que podem ter mais de um significado. Sua base é a conotação, quando a palavra é utilizada com sentido diferente daquele que lhe é comum.

Os contos, o poema, o romance, peças de teatro, novelas, crônicas são exemplos de texto literários.

A linguagem não literária é a utilizada com o seu sentido comum, empregada denotativamente, é a linguagem dos textos informativos, jornalísticos, científicos, receitas culinárias, manuais de instrução etc.

⇒ Sendo assim, podemos concluir que o texto literário tem uma função estética e o texto não literário tem uma função utilitária, como por exemplo, informar sobre a realidade e documentar os fatos.

Atividade 8

O texto que você ler foi escrito pelo Padre José de Anchieta, missionário jesuíta que escreveu vários textos de cunho religioso, inclusive poemas líricos.

Texto I

Em Deus, meu Criador

Não há coisa segura.

Tudo quanto se vê

se vai passando.

A vida não tem dura.

O bem se vai gastando.

Toda criatura

passa voando.

Em Deus, meu criador,

está todo meu bem

e esperança,

meu gosto e meu amor

e bem-aventurança.

Quem serve a tal Senhor

não faz mudança. Contente assim, minha alma,

do doce amor de Deus

toda ferida,

o mundo deixa em calma,

buscando a outra vida,

na qual deseja ser

toda absorvida.

[...]

(ANCHIETA, José de. In: MARTINS, M. de L. de Paula (Trans., trad. e notas). Poesias. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1989. p. 402 (fragmento).

1. Pensando nas explicações lidas neste caderno, você diria que o texto acima é literário ou não literário?

2. Releia os versos retirados do texto: “Toda criatura/ passa voando.” É possível dizer que essa expressão tem sentido figurado, conotativo? Explique.



Vamos ampliar nossos conhecimentos?

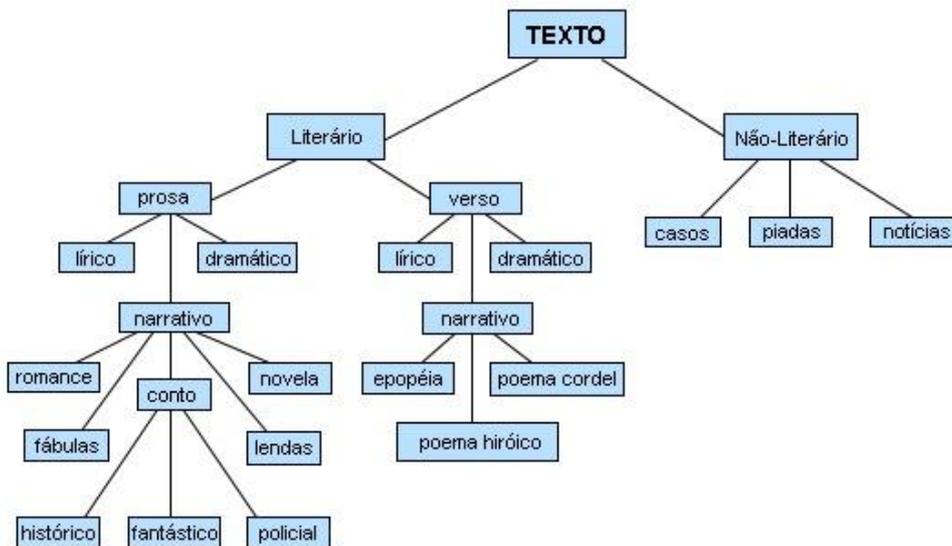
Você já ouviu falar em gêneros literários? Entre os inúmeros gêneros de texto existentes, estão aqueles que têm finalidades artísticas ou estéticas: são os gêneros literários. Observe a divisão desses gêneros:

- **Gênero dramático:** são textos destinados à representação no palco, por atores que encarnam personagens. São escritos em forma de diálogo ou monólogo. Fazem parte desse gênero textos teatrais, roteiros de filmes e telenovelas.

- **Gênero épico ou narrativo:** apresenta enredo, clímax e final. Um narrador conta a história de personagens. É comum nas obras narrativas, a existência de diálogos. A esse gênero pertencem as epopeias (longos poemas narrativos que contavam com grandeza os fatos heroicos de um povo), o conto, a novela, o romance, as lendas.

- **Gênero lírico:** compreende textos em que um eu lírico (voz que fala no poema) expõe seus sentimentos e emoções através de versos, na forma de poemas. Descrições e narrações, quando ocorrem nesse gênero, funcionam como pretexto para o eu lírico falar de si mesmo.

O gráfico abaixo procura resumir os dois assuntos abordados nesse caderno: Texto literário e Não literário e Gêneros Literários. Observe:



3. O texto I, “Em Deus, meu criador”, pertence a que gênero literário? Justifique.

4. O Pe. José de Anchieta, além de poemas, escreveu autos (peças teatrais com objetivo de evangelizar os nativos). Pode-se dizer que esses autos fazem parte do gênero dramático? Justifique.

5. Você já sabe que todo texto tem uma finalidade, uma função. Qual das opções abaixo pode ser identificada no texto I?

- a) Poética / emotiva
- b) Referencial/ apelativa
- c) Metalinguística/ emotiva
- d) Apelativa/ poética

Aula 9: Comparando visões sobre o índio

Caro(a) aluno(a),

Nesta aula você vai observar como os índios eram vistos, tanto pelos europeus que aqui chegavam, como na modernidade. A base para suas reflexões será dois textos: um relato quinhentista e a letra de uma canção atual.

Fique atento e mãos à obra!

Atividade 9

Texto I

"A América é uma terra vasta onde vivem muitas tribos de homens selvagens com diversas línguas diferentes. (...) Essa terra tem uma aparência amistosa visto que as árvores ficam verdes por todo o ano (...) Todos os homens andam nus pois naquela parte da terra (...) nunca faz tanto frio (...) a parte localizada ao Sul do trópico de Capricórnio (...) é um pouco mais fria. Os selvagens dessa região chamam-se Carijó e usam peles de animais limpas e preparadas como vestimenta. Por causa do sol forte, os habitantes da terra têm uma cor marrom-avermelhada (...) trata-se de um povo orgulhoso e muito astuto e sempre pronto a perseguir e devorar seus inimigos (...) Existe naquele lugar uma grande serra que se estende até cerca de três milhas da costa; em alguns pontos ela é bem mais afastada, em outros ainda mais próxima (...) os Tupinambá residem na serra já mencionada, na beira do mar; mas seu território ainda se estende por cerca de 60 milhas por detrás dela. Residem nas margens do Paraíba, num rio que vem das montanhas e deságua no mar (...) Os inimigos são uma ameaça por todos os lados (...)"

(STADEN, Hans. A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens.)

http://www.itanhaemvirtual.com.br/Historia_HansStaden.htm acessado em : 20 jul.

Texto II

Um índio

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante
[...]
Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá
[...]
(VELOSO, Caetano. Álbum Bicho, 1977)

Hans Staden (1520- 1565) participou de duas expedições ao Brasil, numa delas foi capturado por índios tupinambás, tornando-se prisioneiro. Nesse período escreveu o livro em que relatou suas experiências com os nativos, do qual foi retirado o trecho referente ao texto I.

1. A visão de Hans Staden sobre os índios pode ser considerada positiva ou negativa? Justifique com elementos do texto.

2. E no texto II? Justifique.

3. Como já foi mencionado, o texto I é um relato, enquanto o texto II é letra de uma música. De acordo com seus conhecimentos sobre gêneros literários seria correto afirmar que o texto pertence ao gênero épico, lírico ou dramático? Justifique.

4. A segunda estrofe da canção estabelece relação de comparação entre o índio e alguns personagens: Muhammade Ali (um grande lutador de boxe), Peri (personagem indígena do livro “O Guarani”, de José de Alencar) e Bruce Lee (foum dos lutadores de artes marciais mais influentes do mundo). Com base nessas informações, é possível inferir que o índio do texto II:

- a) É uma espécie de herói moderno.
- b) É um retrato dos nativos do período quinhentista.
- c) É um personagem, uma criação ficcional.
- d) Representa os índios canibais, os quais Staden relatava.

Aula 10: “Navegar é preciso...”

Caro(a) aluno(a),

Você já ouviu essa frase? Ela é de autoria do poeta português Fernando Pessoa e ao mesmo tempo em que lança uma sentença sobre a condição do homem, dialoga ricamente com a tradição histórica dos portugueses na exploração dos mares. Foi por meio da navegação que os europeus chegaram a nossa terra.

Neste caderno trabalharemos com dois relatos de viajantes, um contemporâneo e outro que você já conhece: um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha.

Faça as atividades com bastante atenção, pois os assuntos abordados neste caderno já são do seu conhecimento. Vamos nessa?

Atividade 10

Texto I

[...]

E, velejando nós pela costa, obra de dez léguas do sítio donde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. As naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol posto amainaram também, obra de uma légua do recife, e ancoraram em onze braças.

[...]

(Pero Vaz de Caminha, disponível em:

http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/pero_vazcaminha/carta.htm. Acesso em 20 de julho de 2013.

Vocabulário de apoio

Amainar: v.t. Colher (as velas). Abrandar, acalmar, sossegar. / V.i. Diminuir, serenar.

Arribar: v.t. Chegar o navio ao porto. Acolher-se (o navio) a um porto por causa do temporal. Girar o navio de barlavento para sotavento.

nau: denominação genérica dada a navios de grande porte até o século XVI usados em viagens de grande percurso.

Texto II

[...]

A costa brasileira ofereceu os maiores desafios em termos de navegação. Muito planejamento e poucas oportunidades climáticas. Na maior parte do tempo os ventos e correntes são contrárias.

De Fernando de Noronha para frente tudo pareceu mais simples. Ventos e correntes favoráveis. Paramos ainda em Natal e lá percebemos que a rotina e a vida no mar seriam possíveis. As crianças estudando no barco e a vida simples de quem tem pouca, ou quase nenhuma, preocupação com status ou com as coisas da vida em sociedade.

Minhas despesas caíram para um pouco mais que a metade do que gastava enquanto morava em terra e a vida era repleta de experiências.

Ao longo de toda a costa brasileira fomos muito bem recebidos por um povo sempre carinhoso. De Natal seguimos para Fortaleza, uma parada técnica para descanso e aguardo. Precisávamos esperar que a temporada de furacões terminasse no Caribe antes de seguir para lá.

Um mês de espera e seguimos mais para o Norte. Paramos na paradisíaca Ilha de Lençóis, no Maranhão, vida devagar para quem não tem pressa de viver... Uma namorada para o Caio e um monte de experiências para Rafael.

A hora de partir estava chegando. O Brasil ficaria para trás. Para frente só promessas de viagem ao desconhecido, pelo menos para nós.

[...]

(Fabiano Constantino, disponível em <http://bombarco.com.br/materias/exibir/relato-de-uma-viagem-em-familia-pelo-atlantico-a-bordo-do-veleiro-flyer> Acessado em: 20 jul./ 2013)

1. Séculos separam o texto I do texto II, no entanto eles apresentam semelhanças. Que semelhanças são essas?

Entre os textos pode-se perceber uma diferença vocabular, ou seja, nas palavras que os compõem. Tal diferença acontece devido ao momento em que ambos foram escritos (texto I, século XVI e texto II, século XXI). A esses fatores que interferem na maneira individual que o falante tem de se expressar chamamos Variações Linguísticas. Transcreva do texto I expressões que são muito utilizadas nos dias atuais.

2. O texto II, embora moderno e atual, contraria o estilo de vida estressante e corrido que caracteriza os dias atuais. Transcreva pelo menos duas passagens que comprovem a afirmativa.

Avaliação

Caro(a) aluno(a),

Agora é o momento de você ativar os conhecimentos obtidos nesse bimestre.
Realize as questões com atenção e acredite: Você é capaz!

Texto I

Do Santíssimo Sacramento

Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia.
[...]
Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos ofende?!
Quem vos ata, quem vos prende
Com tais nós?!
Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino
Sem o vosso ser divino,
Se mudar.
[...]
Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes
[...]

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quisestes
Padecer.
Morra eu, por que viver
Vós possais dentro de mim;
Ganha-me, pois me perdi
Em amar-me.
Pois que para incorporar-me
E mudar-me em vós de todo,
Com um tão divino modo
Me mudais.
Quando na minha alma entrais
É dela fazeis sacrário,
De vós mesmo é relicário
Que vos guarda.
[...]

(José de Anchieta. Disponível em:

http://www.soliteratura.com.br/biblioteca_virtual/biblioteca04.php acesso: 20 jul./
2013)

1. Sabendo que José de Anchieta foi um padre missionário no Brasil recém descoberto, quem seria o possível interlocutor (cada um dos indivíduos que participam do processo comunicativo) a quem se refere o poema?

2. O texto acima, além de ter uma função poética, percebida na combinação das palavras e na forma como ele foi composto, apresenta uma finalidade principal, que é:

- a) Explicar a doutrina cristã.
- b) Expressar os sentimentos.
- c) Dar uma informação.
- d) Entreter o leitor.

3. Quais elementos presentes no texto fazem dele um texto literário?

Texto II



Fonte: http://mestresdahistoria.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html

Acesso em 20 de julho de 2013.

4. O humor da charge consiste na ambiguidade da expressão “plantar batatas”.

a) Explique os dois sentidos possíveis (denotativo e conotativo) para essa expressão.

b) Observando os interlocutores (pessoas que participam do processo de interação por meio da linguagem) na charge, qual deles usou a expressão com sentido conotativo? Justifique.

Pesquisa

Caro(a) aluno(a),

Um dos gêneros previstos para o nosso bimestre é a crônica. Esse gênero literário se originou no jornal, nele nasceu e se desenvolveu, tinha por objetivo comentar o ocorrido durante a semana. Mais tarde, ganhou “roupagem” literária, e, desde então, muitos cronistas consagrados costumam ser, também, escritores de outros gêneros da Literatura. A crônica possui dois tipos mais usuais: a **crônica jornalística** e a **crônica literária**.

Os principais temas da crônica jornalística são os fatos da realidade. O autor, deste tipo de crônica, visa, sobretudo, fazer crítica social ou política. Neste caso, o cronista, ao retomar diretamente um fato noticiado, emprega uma linguagem mais objetiva, e a estrutura do texto se baseia na exposição de ideias.

A **crônica literária**, por outro lado, tende a relatar ~~os~~ acontecimentos pessoais ou a discorrer sobre os sentimentos e os anseios humanos. Apresenta, assim, uma linguagem expressiva relacionada à poesia, ao lirismo. O cronista apela à sensibilidade do leitor, empregando as palavras com total liberdade, geralmente, em seu sentido conotativo.

Em resumo, a principal distinção entre a crônica jornalística e a literária é a forma como o autor aborda os fatos: com maior ou menor objetividade.

Agora que você conhece já os dois principais tipos de crônica, leia o texto a seguir, para responder as questões:

O buraco da memória

Coisa misteriosa, para mim, é um buraco, qualquer buraco. Na infância, ficava intrigado: quanto mais terra tirava, mais terra havia.

O buraco não acabava, a menos que eu fosse parar no Japão, que me garantiam estar bem embaixo do meu quintal, no Lins de Vasconcelos, mas do outro lado do planeta. Seria exagero, nada tinha a fazer no Japão.

Memória também é um buraco, quanto mais se tira matéria, mais matéria aparece. E, ao contrário dos buracos que fazia no quintal, nem adianta ir até o fundo, pois não há nada, nenhum Japão no fundo dela. Santo Agostinho dizia que a memória era o “ventre da alma”. É por aí mesmo.

Mexendo em papéis antigos, dei com um dos testamentos que o pai fazia de vez em quando, nos raríssimos momentos em que não tinha nada a fazer. Eram muitos os seus testamentos, suas últimas declarações e vontades. Começava invariavelmente perdoando todos os seus inimigos — e ele nunca teve um inimigo. Não levava mágoas de ninguém, pois nunca se sentia magoado, um bom dia que recebia do vizinho ou do leiteiro era uma homenagem, um tapete vermelho estendido à sua frente.

Acreditava que todos gostavam dele porque gostava de todos. Não se lembrava de ter, voluntariamente, ofendido ou destrutado quem quer que fosse e, se o fizera, pedia desculpas e prometia reparação — se houvesse tempo e oportunidade. Citava uma infinidade de amigos e conhecidos, dando um livro de sua biblioteca ou um selo de sua coleção a cada um deles como “penhor de sua amizade”. Pedia moderação nos funerais, nada de luxos e de prantos. Aceitava preces, confessava que tinha muitos pecados e deles se arrependia.

Foram vários os testamentos, todos mais ou menos iguais, somente as datas variavam. O último, feito pouco antes do fim, foi o mais enigmático, ele que não tinha enigma nenhum, era transparente e colorido como um vitral de igreja. Deixou um embrulho para mim, embrulho que nunca abri.

Foi a forma que encontrei para que ele continuasse perto de mim.

Carlos Heitor Cony

Fonte: <http://www.objetiva.com.br/arquivos/capas/694.pdf>

I – O texto *O buraco da memória*, de Carlos Heitor Cony, é um exemplo de crônica literária ou de crônica jornalística? Justifique a sua resposta.

II – Pesquise em jornais, livros, revistas ou na internet, um exemplo de crônica jornalística e, retomando o que você aprendeu sobre texto literário, não literário, sentido denotativo e conotativo, identifique:

a) A crônica pesquisada por você é um texto literário? Justifique.

b) A crônica jornalística, geralmente, comenta uma notícia ou polêmica discutida na televisão, jornais ou revistas. Qual é o assunto discutido na crônica que você pesquisou?

c) Mesmo sendo um texto mais objetivo, a crônica jornalística costuma utilizar, também, palavras com sentido conotativo. Você encontrou algum exemplo de palavras usadas com esse sentido? Exemplifique.

Não se esqueça de identificar o autor e a fonte da sua pesquisa. As fontes são diversas, no entanto, caso utilize a Internet ou tenha encontrado sua crônica em um livro, você pode citar a fonte de sua pesquisa de duas maneiras bem simples:

- Para conteúdo extraído da Internet:

CARLOS, Manoel. O papa e outros papos. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/blog/manoel-carlos/category/cronica-da-semana>. Acesso em 16 jul. 2013.

Observe que, para conteúdos extraídos da Internet, as informações básicas são o nome do autor, o hiperlink em que o conteúdo foi encontrado e a data de acesso, com dia; mês e ano identificados.

- Para conteúdo extraído de livros:

SABINO, Fernando. A última crônica. In: Companheira de viagem. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

Quando o conteúdo é encontrado em livros impressos, é importante citar o nome do autor, o título do texto e os dados da publicação: nome do livro, cidade de publicação, nome da editora e ano de publicação.

ATENÇÃO: Esta atividade deve ser feita em folha separada!

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela; ABAURRE, Maria Bernadete M. Português - *Contexto, Interlocução e Sentido*- Volume 1. São Paulo: Moderna, 2010.

ANCHIETA, José de. In: MARTINS, M. de L. de Paula (Trans., trad. e notas). *Poesias*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo

_____. Auto representado na festa de São Lourenço. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/autofestasaolourenco.pdf

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1972.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luis Carlos. *A coerência textual*. 17ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos.

Paulo: Contexto PASCHOALIN, Maria Aparecida. *Gramática: teoria e exercícios*. Paschoalin & Spadoto. Ed. renovada. São Paulo: FDT 2008.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira. Dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Editora da USP, 2002.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática - Completa*. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SATADEN, Hans. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens (1548-1555)*. Tradução de Pedro Sússekind. 5ª edição. Rio de Janeiro: Dantes, 2004.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002. Série Princípios.

VOGT, Carlos; LEMOS, José Augusto Guimarães de. *Cronistas e Viajantes*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

Equipe de Elaboração

COORDENADORES DO PROJETO

Diretoria de Articulação Curricular

Adriana Tavares Maurício Lessa

Coordenação de Áreas do Conhecimento

Bianca Neuberger Leda
Raquel Costa da Silva Nascimento
Fabiano Farias de Souza
Peterson Soares da Silva
Ivete Silva de Oliveira
Marília Silva

PROFESSORES ELABORADORES

Andréia Alves Monteiro de Castro
Aline Barcellos Lopes Plácido
Flávia dos Santos Silva
Gisele Heffner
Lívia Cristina Pereira de Souza
Leandro Nascimento Cristiano
Rosa Maria Ferreira Correa
Tatiana Jardim Gonçalves